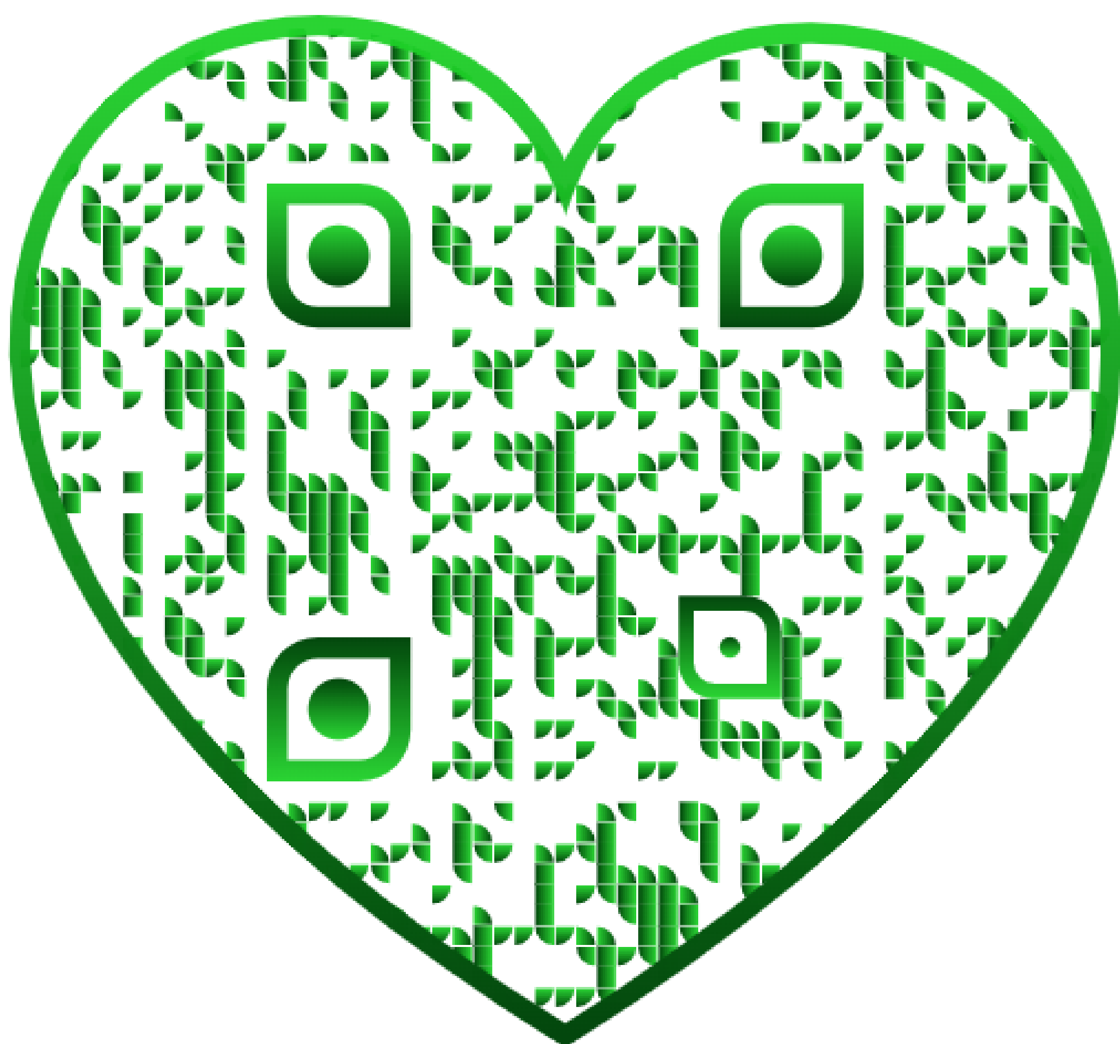
Estrela e a Flor

Maria Freitas





Estrela e a Flor

Para Ana Rosa

Não se apaixone por uma flor…

Esse foi o primeiro conselho amoroso que minha avó me deu. Eu nem sabia direito o que significava “me apaixonar”, mas fui marcada por um alerta que me perseguiu até agora. Sempre pensei que ela estava sendo literal. Mas aqui e agora, olhando através da fogueira de chamas roxas, sei que não. Aqui e agora, vendo Flor com sua pele negra e seus olhos castanhos, com essa risada alta e esses gestos expressivos, entendo que minha avó não falava de um girassol qualquer do campo ali de baixo.

A pergunta que me atormenta é: como ela poderia saber?

Capítulo I

Os girassóis à noite

Está tudo escuro aqui fora. Às minhas costas, há apenas a luz do candeeiro pendurado em uma das vigas da varanda. Ajeito o casaco de lã, cruzando minhas mãos na barriga, quando um vento mais frio que o normal tenta abraçar meu corpo. Sigo em frente.

Há uma escada que leva ao campo de girassóis lá embaixo. Mesmo na escuridão, sei que sou capaz de encontrá-la. Queria me apressar para me perder no breu antes que alguém note minha saída. Mas, se correr, posso tropeçar e cair lá de uma altura de três metros. E não quero sumir para sempre, só por alguns minutos. Só para tentar me reconectar com minha paz interior, que anda tão abalada como os últimos acontecimentos.

Esta noite, em especial, tudo parece grande demais para suportar.

Ou talvez seja esse frio maldito que deixa as coisas muito piores.

Puxo de novo o casaco, apertando forte minhas mãos sobre o peito. Com os pés, tateio cuidadosamente o chão à minha frente até encontrar o vão da escada. Mas antes que eu consiga pisar no primeiro degrau, meu nome corta a noite como uma navalha.

— Estrela!

— Pelos quinze demônios — resmungo, devagar.

Tento manter o equilíbrio. O medo de descer rolando morro abaixo me apavora desde criança. Sempre gostei de admirar o campo de girassóis daqui

de cima. Ver como as flores passeiam, se movem, seguindo o sol, em busca de calor. Para alguém que sentiu frio desde o dia em que nasceu, buscar o calor parece essencial.

Faz frio aqui em Alveiros, mesmo quando o sol está alto no céu. Sempre fez. Desde que a estrela caiu.

Aquela *maldita* estrela.

Esfrego as mãos e me encolho. O frio aperta mais. Vejo minha respiração se transformar em fumaça e tento esquentar meu nariz. Sem sucesso.

— Estrela, minha filha. Os convidados já estão chegando!

Olho na direção da estrada. Pequenas luzes se movem ao longe. Não vai dar para fugir. Não hoje. Solto o ar com força, me sentindo derrotada.

Sinceramente não sei em que estava pensando quando saí, no meio da noite, na esperança de chegar até o campo de girassóis. No escuro. Sozinha. Eu deveria estar buscando soluções para acender a fogueira da festa, ou outra maneira quase mágica de aquecer as pessoas. Mas a especialidade da minha família sempre foi o frio.

Nem sempre, na verdade.

A lenda diz que essas terras costumavam ser quentes e festivas, pacíficas. O centro de um emaranhado de vilas independentes. Até que um brilho forte surgiu no céu.

Quando caiu, trezentos anos atrás, a estrela era só um fragmento gelado, em formato de triângulo. Cabia na palma da mão. De tantos lugares para despencar, ela escolheu Alveiros. E de tantos lugares em Alveiros, escolheu as terras da minha família. Caiu, trazendo consigo um frio que nunca mais foi embora. E magia.

A estrela em si não foi o problema. As pessoas é que foram. Assim que começaram a se espalhar os boatos de que aquela pedrinha triangular era

mágica e dava poderes a quem a possuísse, minha família não teve mais paz. Minha avó conta que nosso terreno foi atacado e invadido por praticamente todas as vilas vizinhas. Até na época em que ela era criança, existiam vestígios das disputas nas paredes da casa.

Minha família foi saqueada tantas vezes que nenhum registro é capaz de precisar. Nossos vizinhos vinham, com suas tropas e soldados, sempre pelo campo, que hoje é cheio de girassóis, mas antes era uma vasta área onde não crescia vegetação. A lenda diz que, depois da queda da estrela, nada mais nascia ali.

De guerra em guerra, de rendição em rendição, perdemos quase toda a estrela.

Quando só restava um pedaço, do tamanho de uma unha, os invasores vieram com suas chamas avermelhadas, magia vinda dos outros pedaços roubados. Insatisfeitos, queriam mais poder. Mas, naquela noite, a mais fria dos últimos mil anos, o vento era tão forte que apagava todas as tentativas de fazer fogo. O chão do campo ficou branco, com a nevasca que caía. A lenda diz que o vento assoprava no ouvido dos soldados, os assombrando, os mandando embora.

E enfim fomos deixados em paz. Mas o último pedaço de estrela nunca mais foi visto.

— O que você está fazendo aí fora no escuro, menina? — Minha mãe acena da varanda. Ela parece ainda mais branca com esse cardigã azul-escuro, sob a luz do candeeiro.

— Estava pensando.

— Vem pra dentro, você vai congelar!

Encurvo os ombros e deixo a luz fria encontrar meu rosto.

— Precisamos de uma solução, mãe.

— Ficar aí no frio não vai resolver o problema, vai? — Ela estica o

braço e encosta a mão no meu ombro. Está gelada. — Anda, vai ajudar a sua avó enquanto eu acendo as luzes no terreiro.

— Mãe, ninguém vai aguentar ficar aqui nesse frio. Nem pela comida da vó!

Gentilmente, ela me puxa para dentro.

— Nós vamos dar um jeito. Sempre demos.

— Sem o meu pai…

— Estrela! — A cara fechada dela não abre espaço para discussões. — Vai ajudar sua avó.

Nem tenho como rebater. Sou passada para dentro de casa com um empurrão leve. Sei que minha mãe está preocupada, muito mais que eu. Sei que ela não faz ideia de como vai acender a fogueira sem meu pai aqui.

Fogo normal não adianta. Nunca adiantou. Desde o dia em que o frio expulsou os invasores, o fogo vermelho não acende mais em noites geladas como esta. A fogueira, e toda a festa, existe justamente por isso, para comemorar o fim da guerra. Virou a nossa tradição, sempre na noite mais fria do ano, para celebrar o fim das disputas. Mas sem a magia dos fazedores de fogo não há festa.

Veja só que ironia.

Meu pai era um deles. O fogo que ele acendia com as mãos era azulado. Nunca vi nada mais bonito. Foi a primeira (e até agora a única) vez que alguém da família se relacionou com um fazedor de fogo.

Mas meu pai não está mais aqui. Neste ano, temos que nos virar sozinhas. Sem fogo azul, sem a magia que roubaram de nós, sem *ele*.

— É só uma festa! — digo para mim mesma, enquanto ando rumo à cozinha.

— Tá conversando sozinha de novo, Estrelinha?

— Estou pensando, vó!

— No fogo? — Ela para de mexer a panela, se vira e me encara, com um sorriso no rosto cheio de marcas de expressão. Acho todas elas lindas, mostram como minha avó já sorriu, já se inquietou, já chorou. — Não precisa se preocupar com isso.

— Como não? — Eu me debruço sobre a mureta que ela usa como balcão. — O pessoal das vilas já está chegando.

— Deixa chegarem. Vamos estar prontinhas para recebê-los.

— Mas, ô vó, como que a senhora espera fazer uma fogueira sem fogo?

— Quem disse que não teremos fogo? — Ela brinca com as chamas alaranjadas do fogão. Mesmo dentro de casa, livre do vento, demoramos uma eternidade para conseguir colocar fogo nas lenhas. — Não esquente sua cabeça com isso, Estrelinha. — Volta a encarar as panelas. — E onde é que você estava indo?

Minha avó às vezes me assusta.

— Eu estava só dando uma volta — minto.

— Estrela, Estrela. — Ela me olha de soslaio. Os olhos escuros me julgam. — Não se apaixone por uma flor, a não ser que…

— Ai, vó, não sou apaixonada por flor nenhuma — interrompo. Como ela sabe que eu queria ir até o campo de girassóis? Vou até ela e dou um beijinho em sua têmpora, marcada por cabelos grisalhos.

— Acho que a vila inteira resolveu vir esse ano! — Minha mãe aponta da porta, com o cenho franzido em uma expressão preocupada.

Um vento gelado vem na minha direção, vindo de trás dela. As chamas do fogão ficam inquietas e temo que apaguem, mas, assim que a brisa passa, elas voltam ao normal.

— Não precisa se afobar, Elis, se aquiete.

— É que está frio demais, mãe. Nunca vi uma noite tão gelada.

— Pois eu já vi. — É um resmungo, quase imperceptível. O tom da minha avó fica mais grave, nostálgico. Sei que ela se refere à última noite em que a festa teve uma fogueira de chamas roxas, mas eu queria entender por que essa lembrança a deixa triste. Em momentos como esse, lamento profundamente que não tenhamos conseguido manter um pedaço sequer daquela estrela. Talvez, com ela, eu tivesse nascido com a habilidade de fazer fogo ou a de ler mentes. Aqui e agora, vendo o olhar da minha avó se perder na panela de canjicão, sei que escolheria saber do que ela está se lembrando. Ou *de quem*.

Capítulo II

Aelor

É um terreiro grande, onde eu costumava brincar com meu pai. Ele corria atrás de mim quando eu disparava do quintal para a estrada. Nas noites frias, acendíamos os candeeiros, e ele manipulava seu fogo azul, criando formas de animais. Ainda posso ouvir minha risada alta misturada com o riso rouco dele.

Agora, são as chamas vermelhas que dançam na estrada.

— Mãe, eles estão chegando! — grito. Ela aparece por trás de mim com uma panela preta nas mãos.

— Corre lá e ajuda a sua avó a trazer o resto das comidas. Coloca tudo ali. — Aponta com o queixo para a grande mesa de madeira rente à parede da casa. — Vamos deixar as comidas na varanda dessa vez, por causa da garoa. — Arruma a panela com cuidado.

— Mas não vai esfriar?

— A gente esquenta! — Ela me empurra com a mão. — Vai, anda logo!

— Ai, tô indo. — Saio resmungando e encontro minha avó no meio do corredor. Ela não está trazendo nada. — Ué?

— Deixo essa tarefa para os jovens.

— Vó, só tem eu de jovem aqui.

— Exatamente.

Reviro os olhos.

— Não revira os olhos para a sua avó! — minha mãe grita lá da varanda.

Como ela sabe?

Vou até a cozinha três vezes para buscar as comidas. Coloco as vasilhas com cuidado sobre a mesa, com medo de entornar tudo e fazer uma bagunça. Quando termino e olho para trás, o terreiro está cheio de gente. Pessoas de todas as vilas da região. Vejo o cabelo avermelhado dos Monteiros, e a pele negra escura do povo de Cristais. Os mesmos de todos os anos.

Entre eles, imponentes no meio do terreiro, as toras grossas de madeira aguardam ansiosas que alguém as incendeie. Pelo andar da carruagem, elas vão ficar assim…

De repente, meu olhar é completamente roubado pela imagem de uma garota negra, de cabelos roxos, volumosos e brilhantes. Como uma flor. Uma flor que está vindo na minha direção. Ela está sorrindo para mim. Mas eu nem conheço essa moça.

— Dona Ana! — Ela transforma o sorriso aberto em algo mais cordial. Minha avó está parada feito um dois de paus atrás de mim, congelada, como se estivesse vendo uma assombração.

— Vó, a senhora tá bem? — Cutuco-a na costela.

— Ai, menina! — Me dá um tapa. — Olá, eu conheço você? — pergunta, toda fofa, para a garota que acabou de chegar.

— Não, senhora. Foi minha avó que me mandou.

— E ela não vem? — A maneira ansiosa como responde me faz apertar os olhos e a encarar. Nunca vi a voz da minha avó tremer ao falar sobre nada, nem com ninguém.

— Vem não. Ela tá… é frio demais aqui.

— Ah! — A decepção é tão grande que minha avó até suspira e encurva os ombros.

— Nossa, o que rolou?

Ela me ignora.

— Mande meus cumprimentos para Lírio.

— *Lírio?* Ô vó, a senhora tá metida com fl…

Ela levanta a mão, em um gesto que me pede para parar.

— Mandarei sim, senhora! — a garota dos cabelos roxos responde, também me ignorando completamente. Gente, será que estou invisível?

— E como você se chama?

Eu quase desisto da conversa das duas e me retiro, mas…

— Flor.

— Como é? — eu e minha avó perguntamos na mesma hora.

— É *Flor* — fala mais alto, enfatizando a palavra.

Minha avó ri.

— Que nome lindo! — elogia, mas me joga um olhar de alerta. Ela não precisa nem dizer o que está pensando, eu já sei.

Não se apaixone por uma flor.

Mas ela podia, pelo menos, ter avisado que as flores têm esse sorriso bonito e esse cheiro de frutas. Esse cabelo, nossa… e essa pele bonita. Ou será que ela avisou? Havia algo além desse conselho, algo que eu nunca guardei. O que era mesmo?

— Estrela? Oi! — Minha avó estala o dedo bem em frente ao meu rosto.

— Oi, oi. — Pisco.

— Leva a Flor até a fogueira.

— Pra quê?

— Garota, você não ouviu o que eu disse?

— Não.

Ela suspira.

— Vai com a Flor e ela te explica no caminho.

Nem concordo, só sou empurrada em direção à menina. Não sei o que falar para ela. Devo me apresentar? Devo sair correndo?

— Então, Estrela… É Estrela, não é?

— É, sim.

— Sua avó disse pra você me ajudar com a fogueira, mas eu não vou precisar…

— Duvido! — desdenho.

Ela para e me encara, arqueando a sobrancelha. Volta a andar sem dizer nada. Eu a sigo. Flor começa a tagarelar sobre alguma coisa, mas a voz dela se perde no vento frio, não me alcança. Tento acompanhá-la, lado a lado, para ver se compreendo alguma coisa. Não consigo.

Ela segue falando e falando.

E eu fico querendo ouvir.

Curiosa para saber mais sobre ela. De onde veio, o que faz da vida. Por que nossas avós se conhecem…

Chegamos até as toras empilhadas no meio do terreiro. Flor para.

— … ou seja, não preciso de ajuda. Afaste-se um pouquinho e só olha.

Dou um passo para trás e fico olhando, conforme ela pediu. Em um primeiro momento, nada acontece. Mas meu sorrisinho de “eu avisei” morre assim que as primeiras chamas arroxeadas saem das mãos dela.

Chamas. *Arroxeadas.*

As raras e poderosas chamas arroxeadas.

Eu quase caio para trás.

— É fogo roxo — constato o óbvio. Ela ri.

— O que você esperava?

Não respondo. Simplesmente não consigo responder. Fico olhando para as chamas, maravilhada. Efeito que cai também sobre as outras pessoas. Todo mundo se reúne em volta da fogueira. Os murmúrios se transformam em exclamações conforme o fogo aumenta de intensidade. O chão de terra batida fica arroxeado, as pessoas ao meu redor ficam arroxeadas, até a casa fica arroxeada — tudo iluminado por aquela luz.

Um sopro quente bate no meu rosto. Me sinto abraçada por aquele calor. É tão bom que eu poderia me acostumar com ele, tão confortável que eu gostaria de viver nessa sensação de abraço para sempre.

Mas não posso me acostumar com isso.

— A última vez que a gente teve fogo roxo aqui foi há uns quarenta anos. Minha avó sempre conta desse dia — comento com ela, assim que termina de incendiar todas as toras. Ainda estou encantada demais com o fogo para desviar o olhar dele.

— Eu sei — devolve, como uma naturalidade, um ar de superioridade. Ela parece saber de tudo. Isso normalmente me irrita, mas nela parece tão certo que fica encantador.

— E como é que você sabe? — Cruzo os braços. Flor para à minha

frente e me encara, estudando meu rosto com cuidado.

— História de família.

— História de família? — repito, obviamente querendo que ela me explique. Mas Flor só passa por mim e sai andando em direção à varanda. Volto a segui-la, porque parece que essa é a única coisa que sou capaz de fazer.

Pego uma tigela com canjicão, ela pega uma de caldo de feijão e nos sentamos em um banco largo de madeira. Comemos em silêncio. Eu não tiro os olhos de Flor. Ela não tira os olhos da fogueira. Entre uma colherada e outra, comenta:

— Acho que esse fogo deve durar umas duas horas nesse tempo. Seu pai alimentava o fogo azul dele de quanto em quanto tempo, você se lembra?

Quem é essa garota e como ela sabe essas coisas? Tudo bem que não era segredo para ninguém o que meu pai fazia, mas eu nunca a vi, nem ninguém sequer parecido com ela, em nossas festas anteriores.

— De uma em uma hora mais ou menos — respondo, ainda desconfiada. E desconfortável. Olho para minhas mãos, depois para o chão. Sempre quis fazer fogo como meu pai fazia. Um dia, ele me pegou esfregando uma mão na outra, na tentativa de esquentá-las o bastante para que incendiassem. Ele me fez parar, me garantiu que eu era mais especial do que imaginava.

Bobagem! Esfrego os braços com as mãos. Um ar frio parece me cercar.

— Seu pai era bom mesmo… — Ela me olha de soslaio. Conheço Flor há poucos minutos e já sei a expressão que o rosto dela faz quando está estudando minhas reações. Ela franze um pouco o cenho, aperta os olhos pequenos e dá uma mexida leve no olho esquerdo. Sei também que ela quer saber se me incomoda falar sobre o meu pai. Incomoda. Lógico que incomoda, mas gosto da maneira como ela fala com naturalidade. Não se desculpa, não faz cara de pena.

— Ele era. Tem que ser muito bom para aguentar o frio que faz nesse lugar.

— Nossa, nem me fala. E olha que minha avó me avisou. Mas eu não estava pronta. — E aí ela começa a tagarelar. — É engraçado que, conforme vamos nos aproximando, vai ficando mais e mais frio. Só que, quando a gente chega aqui pertinho... aliás, o que tem ali embaixo? — Flor aponta a colher para um ponto atrás de seu ombro esquerdo. — É uma plantação?

— É um campo de girassóis.

— Vem um vento gelado de lá.

— Sim. Foi onde a estrela caiu.

— Jura? — Ela olha para trás instintivamente. — Então é verdade que o frio vem da estrela?

— Olha, eu acho que não. — Mando a real. — Primeiro que nem temos mais nenhum fragmento da estrela aqui. Todos foram levados. Até o último. Ninguém sabe pra onde, mas aqui ele não tá!

— E o segundo?

— Segundo o quê?

— Você disse “primeiro que”, qual outro motivo te leva a crer que o frio não vem da estrela?

— Sua família tem um dos maiores fragmentos da estrela, não tem? Faz frio na sua vila? Não. — Eu mesma pergunto e eu mesma respondo.

Ela dá de ombros.

— Então por que faz tanto frio aqui? Não estamos no alto de um morro, não estamos no extremo sul ou norte.

— Eu não acho que o frio *venha* da estrela. Acho que ele *veio* dela e gostou de ficar por aqui.

— Isso não faz sentido nenhum.

— É lógico que faz!

Flor volta a comer seu caldo de feijão.

— Não esfriou?

Ela não responde. Só coloca a colher dentro da tigela e passa a vasilha para a mão esquerda. Com a direita, ela faz uma chama pequena. Reviro os olhos.

— Vocês são muitos amostrados!

— Quer que eu esquente o seu canjicão?

Quase digo que não por pura pirraça. Mas canjicão frio é a pior comida já feita, então, entrego o meu para ela

É tão natural a forma como Flor controla as chamas, sem esforço algum. Quase peço para que faça formas de animais com o fogo, como meu pai fazia. O pensamento me corta em duas.

— Depois que a gente terminar, quer dar uma volta pela festa? — Tento retribuir a gentileza, assim que ela me devolve a tigela.

— Quero sim!

— Não que tenha muita coisa pra ver…

— Aposto que, com você, vai ser legal! — Ela joga o corpo de leve na direção do meu, e nossos ombros se encontram. O leve balançar dos nossos corpos em choque faz com que meu coração acelere de um jeito meio assustador. Em um impulso, olho para ela. Quando nossos olhos se cruzam, sinto que perdi tudo.

Não se apaixone por uma flor parece até um convite. Um que eu aceitaria sem reclamar.

Capítulo III

A noite mais fria

Minha avó está sentada em um toco de madeira, afastada das outras pessoas que bebem quentão e dançam ao som de um sanfoneiro. A alegria delas contrasta com o olhar distante de dona Ana.

Eu me sento ao lado dela, em silêncio.

— Eu disse pra você que ia dar tudo certo, não disse? — Ela nem me olha quando fala, está encantada com o fogo roxo. Não posso julgá-la, mas eu não estou olhando para as chamas, estou olhando para Flor. Os movimentos que faz com as mãos, alimentando a fogueira, a maneira como se mexe de leve ao som da música… — Ela é linda, não é?

Pisco algumas vezes.

— Ah, vó… — Não sei o que falar, não sei o que perguntar. — Ela é.

— Flor… — Sorri ao dizer o nome. — É bonito. Ela se parece com a avó, no jeitinho.

— E de onde a senhora conhece a avó da Flor?

— Daqui mesmo.

— Daqui de casa?

— É.

— Mas… E por que eu não conheço ela?

— Porque a Lírio já não vem mais há muito tempo.

— Por quê?

— Você faz muitas perguntas, hein?

— A senhora que não tá me respondendo direito!

— Você quer a história? — Ela se vira e me fuzila com os olhos. Não me intimido.

— Quero. — Inclino o pescoço para o lado e cruzo os braços.

— A mãe da Lírio já foi nossa fazedora de fogo. Ela sempre trazia a menina nas festas, às vezes até em outras datas. Tínhamos a mesma idade, ficamos amigas, nos apaixonamos.

Eu me encolho inteira, já prevendo que a história não tenha acabado bem.

— Meu pai achou aquilo tudo um absurdo. Me apaixonar por alguém de uma família inimiga… Ele ainda via os fazedores de fogo como inimigos, por achar que tinham roubado um pedaço da estrela.

— E roubaram, né?

Ela apruma o corpo e me julga com o olhar. Odeio quando me julgam desse jeito.

— Algo lindo cai do céu, porque seria meu? Não tem como roubar algo que não tem dono.

— Mas caiu nas nossas terras.

Minha avó revira os olhos.

— E quem disse que essas terras são nossas, Estrela? Essas divisões são apenas linhas imaginárias que o homem um dia delimitou, cercou e decidiu que tudo dentro daquilo era dele. A natureza veio muito antes da gente, não

faz sentido dizer que ela tem dono. Além disso, somos o *mesmo* povo. Se algo mágico cai do céu, deveria ser direito de todos ter acesso a essa magia. Mas nossa família sempre quis mais poder. E ficou sem nada. — Ela volta a olhar para a fogueira. — Bem feito! — fala baixinho, com um sorrisinho no rosto.

Não sei o que dizer. Na minha cabeça, com tudo o que a história conta, só consigo pensar que minha avó está errada. Aprendi assim, é difícil desaprender. Sempre vi os outros como vilões e minha família como a vítima. Mas algo dentro de mim me diz que minha avó está certa. Não podemos exigir a posse de algo que nunca nos pertenceu.

— Então o que aconteceu depois?

— Meu pai as expulsou daqui, ela e a mãe, dias antes da festa. Ele disse para nunca mais pisarem nas nossas terras. Há quem diga que ele até as amaldiçoou. Ficamos sem ninguém para acender a fogueira, quase ficamos sem festa. Os homens da família pensaram que conseguiriam resolver o problema sozinhos. Mas o frio, tão forte como nunca mais senti, caiu sobre nós. Acho que nunca me senti tão triste como naquele dia. Tão triste e tão gelada.

Minha avó para um instante e estica as pernas. Ouço os ossos rangerem.

— E aí? — Mexo nos dedos, ansiosa.

— Lírio havia me prometido que nunca ficaríamos sem fogueira nos dias de festa. Era uma promessa, Estrela. Então ela cumpriu. — Minha avó olha para a frente, voltando a colocar os pés no chão. — Até hoje segue cumprindo.

— Ela voltou?

— No ano seguinte, sim. Veio disfarçada entre as pessoas das outras vilas, acendeu a fogueira tentando não chamar muita atenção. Lógico que não deu certo. Meu pai fez um escândalo. Foi horrível. Mas, no fim, as chamas arroxeadas estavam lá, acesas, esquentando os convidados, mantendo a tradição.

— Seu pai aceitou de boa?

— Ele não tinha muita opção. Mas, nos anos vindouros, fez questão de contratar acendedores de chamas azuis. Ele achava que podia suportar conviver em paz com eles, desde que nossas famílias nunca se envolvessem para além da cordialidade. Passei anos achando que tinha estragado tudo me apaixonando por Lírio, que nunca mais veria aquele fogo roxo de novo. Essa está sendo a primeira vez que vejo essas chamas arroxeadas em muito tempo.

— Tá, mas e vocês duas?

— Ela foi embora, eu conheci seu avô um tempo depois e o resto você já sabe.

— Mas, nossa! Vocês desistiram?

— Seguimos nossas vidas, é diferente!

— Não é justo…

— Nós duas vivemos vidas muito boas, Estrela. Tivemos nossas famílias, vivemos nossas histórias.

— É que as coisas poderiam ter sido…

— Mas não foram.

Solto um muxoxo. Nunca pensei que minha avó pudesse ter sido infeliz na vida e duvido muito que tenha sido. Mas deve ser tão difícil deixar um amor de lado. Mesmo que viva outro, mesmo que ame de novo, tem algumas coisas que não dá para esquecer. Ou talvez dê.

— A senhora esqueceu ela, vó?

— Claro que não. Guardo com muito carinho dentro de mim, num lugar especial, todas as coisas boas que vivemos. Nunca quis esquecer nada.

— E se arrependeu de alguma coisa?

— Não.

— Então por que ficou triste por ela não ter vindo? — Jogo a pergunta na cara dela, cruzando os braços.

— Por que eu tinha *a certeza* de que ela cumpriria a promessa.

— Mas essa promessa aí já tem tempo. E se ela tivesse esquecido?

Minha avó se levanta devagar, estalando as juntas. Entendo o recado que não é nada sutil. O assunto está encerrado. Há alguma coisa aqui que eu não sei, que ela não quer me contar.

— Olha, Estrelinha. — Ela olha para Flor que está vindo na nossa direção. — Aproveita que os jovens vivem paixões mais intensas — sussurrou para mim, com um sorriso sacana no rosto.

— Paixão intensa, vó? Pelos quinze infernos, eu acabei de conhecer a menina!

— As coisas não começam do meio, Estrela…

— Mas a senhora mesma me disse para não me apaixonar por uma flor...

— E o que mais eu disse? — Ela vai saindo de fininho, sem esperar uma resposta, e me deixa aqui com cara de tacho. Aperto os olhos, tentando me lembrar. A segunda parte do conselho não fazia sentido nenhum, mas eu não me recordava o que era…

— Por que a dona Ana se levantou? — Flor se aproxima e se senta no lugar onde minha avó estava.

— Acho que ela foi esquentar o caldo de feijão — minto.

— Se ela quiser, posso fazer isso rapidinho! — Flor começa a se levantar, mas eu a puxo de leve pelo braço, fazendo com que permaneça sentada.

— Precisa não.

Um silêncio constrangedor paira no ar entre nós duas. Flor balança os pés no ritmo da música que o sanfoneiro toca.

— Quer dançar? — ela pergunta, olhando para mim de repente.

— Ah… Não danço, eu…

— Vamos mesmo assim, vai ser legal, eu te guio.

— Tá bom! — Bato as mãos nas coxas e me levanto, então estendo a mão para ajudá-la a fazer o mesmo. Não estou pronta para o tanto que meu coração acelera quando Flor me toca. Quase solto nossas mãos, mas, se fizer isso, vou derrubá-la no chão. Respiro fundo e a puxo para perto de mim. Eu poderia beijá-la, correndo o risco de que ela jogue fogo em mim, mas não faço isso. Antes preciso saber se Flor gosta de meninas.

— Vamos dançar aqui mesmo? — pergunta.

— Você sabe dançar forró?

— Eu sei tudo! — Ela abre um sorriso tão largo, que os olhos se fecham. Sorrio junto. Flor olha para nossas mãos, ainda entrelaçadas. — Você é gelada!

Puxo a mão quase que por impulso, mas ela não me deixa soltar.

— Eu gosto.

Sinto meu rosto esquentar.

Flor continua me puxando de leve para mais perto. E mais perto. O calor do corpo dela me atinge antes que nossas peles se unam. E quando nossas peles se unem… nossa!

Tento me mover ao som da sanfona, mas não consigo me concentrar em nada direito. Minha mente está entorpecida pelo cheiro de frutas que vem de Flor. Só me deixo levar por ela, pelo ritmo, pelo movimento dos nossos corpos.

Ela tagarela sobre várias coisas enquanto dançamos e ri. Flor ri tanto que não sei de onde tira tanto humor. E tanto assunto. Só acompanho, tentando prestar atenção em tudo. Porque, de repente, tudo o que vem dela é importante para mim. Quero ouvir sobre sua vida, sua família, seus problemas. Quero ouvir coisas boas também e coisas bobas. Quero saber o que ela faz quando acorda e o que gosta de comer no jantar. Quero conhecer cada detalhe ridículo sobre o dia em que ela colocou fogo — sem querer — nos brinquedos de um garoto que a chamou de feia. E, do nada, sinto tanta raiva por ele ter tido a audácia.

— Só pode que esse menino tem algum problema… — resmungo.

— Você está bem? — Flor se afasta um pouco para me olhar. Tudo fica tão frio. Por um momento, penso que é dentro de mim, mas vejo quando ela passa as mãos nos braços tentando se aquecer.

— Tô. — Olho em volta. Todo mundo começa a se aproximar da fogueira. — Tá mais frio, né? — Também esfrego as mãos pelos braços.

Flor franze a testa e olha para as chamas arroxeadas que estão cada vez menores.

— Ih, acho que vai apagar! — Ela começa a ir na direção da fogueira. Vou atrás dela. — Que tempo doido, né? — Sorri e me olha, como se soubesse algo que eu não sei. — Esse frio é muito estranho. Você nunca pensou sobre isso?

— Não. É que esse é o meu normal, sabe? Mesmo ele sendo diferente para você.

— Entendi... — Flor volta a dar atenção para a fogueira. Ela movimenta a mão direita, brincando com uma chama. — Você sabe o que aconteceu com o último pedaço da estrela?

— Ninguém sabe.

— *Alguém* sabe. — Pisca para mim, abrindo espaço entre as pessoas que tentam se aquecer. — Licença aqui, gente.

Vou atrás dela.

— O que você quer dizer com isso?

— Exatamente o que eu disse. Não se aproxima muito que eu posso te queimar sem querer. Sou estabanada.

Me mantenho afastada, sentindo algo estranho. Não consigo deixar de pensar no meu pai, acendendo a fogueira com suas chamas azuis. Os cabelos muito escuros e lisos voando com o vento gelado. Não tão frio como o de agora.

— Você disse que alguém sabe onde está o pedaço… — Não chega a ser um grito, mas é alto o bastante para que ela me ouça por cima das vozes que nos cercam.

— É lógico. Nada desaparece assim do nada.

— Então você não sabe quem roubou? — Tento respirar fundo, mas algo está preso na minha garganta, como se alguém estivesse me apertando, me sufocando. Sinto algo estranho no tom de voz dela, parece que sabe mais do que está falando. Será que ela está acusando minha família de mentir sobre a estrela?

Flor não responde. Fica lá, concentrada em manter a fogueira acesa, enquanto eu sinto o frio ao meu redor aumentar. Penso no meu pai, na falta que ele faz. Penso que ele deveria estar aqui. Sinto vontade de correr e me esconder debaixo das minhas cobertas.

Ela resmunga várias vezes e chega a amaldiçoar o vento gelado que faz as chamas dela se rebelarem.

— Você precisa parar de fazer isso, Estrela! — grita, se irritando e desistindo da fogueira.

— Parar de fazer o quê? — Não gosto do jeito como ela fala. Não gosto que gritem comigo. Flor não me responde. Fica me olhando, esperando algo de mim que não sei o que é. Vendo que não terei uma resposta, saio

empurrando as pessoas para que me deixem passar. Uma mão quente tenta segurar meu braço, mas não consegue.

O vento gelado que sopra em minha direção é tão forte que sinto o rosto arder.

Não faço ideia do que está acontecendo.

Capítulo IV

Girassóis ao nascer do sol

Minha mãe está na cozinha, mexendo em algo sobre o balcão improvisado, de costas para mim. Quero passar despercebida, mas, sinceramente, nem sei por que tento.

— Aonde você pensa que está indo, Estrela? — Ela nem se vira para me encarar.

— Ah… é… — Fungo, e tento inventar uma desculpa rápida. Não consigo.

— Por que você está chorando, minha filha? — Só aí ela me olha.

— Não sei.

— Ô, meu bebê. — Ela me abraça. — Eu também sinto muita falta dele. — *Não é isso*, penso em dizer, mas seria mentira. — Fico vendo aquele fogo roxo e só consigo pensar no seu pai brincando de criar formas de bichinhos naquelas chamas azuis dele. — O tom nostálgico da minha mãe não me ajuda a parar de chorar. Eu nem sabia que estava sentindo tantas coisas até todas elas transbordarem.

— Mãe. — Eu me solto dela. — Por que eu não tenho os poderes do meu pai?

— Não sei, filha. — Ela vai para o fogão, sem olhar para o meu rosto.

— A senhora sabe, sim.

— Para de importunar sua mãe, Estrelinha. — Minha avó aparece pela porta da sala. Ela vem até mim e encosta a mão no meu ombro. — Por que você não volta lá para a festa e faz companhia para a Flor? Vocês estavam tão bonitinhas dançando juntas!

— Elas estavam dançando, é?

— Estavam. Você precisava ver, Elis!

— Ah, mas a festa ainda está só começando, elas vão dançar mais.

Reviro os olhos. Não quero dançar com ninguém. Eu não deveria deixar que elas mudassem de assunto. Mas ando tão cansada! Só queria ir até meu campo de girassóis e me deitar no chão, olhando as nuvens mudarem de lugar.

— Estrela? — É a voz de Flor. Ela aparece no portal da cozinha. — Cê tá legal?

Pronto, virou bagunça!

Quando estou me virando para olhar para ela, vejo minha avó cutucar minha mãe. As duas me lançam sorrisinhos bobos. Passo as mãos no rosto para secar as lágrimas que ainda estão ali.

— Tô.

— Eu consegui normalizar o fogo. — Sorri.

— Você é um anjo, menina! — Minha mãe ainda está com aquela cara de boba. Reviro os olhos.

— Vamos conversar lá fora, Flor. — Puxo a garota pela mão.

— Ai, lá fora tá muito frio. — Ela solta a minha mão. — Eu super ficaria aqui comendo um caldo de feijão…

— Ah, pois eu já esquento pra você! — Minha mãe oferece. — Quer também, Estrela?

Meu orgulho diz que não.

Mas... sinceramente?

— Quero. — Eu me jogo em um banco de madeira e fico olhando as três conversarem animadas. Conversando é bondade minha. Flor fala e fala, quando penso que o assunto dela acabou, ela fala mais. Quando percebo, estou sorrindo, com o queixo escorado na mão, talvez para disfarçar minha cara de boba.

O assunto delas só acaba quando Flor traz duas tigelas com caldo e se senta do meu lado. Minha mãe e minha avó saem, levando panelas com comidas para os convidados. Eu como em silêncio, então termino rapidinho. Ela começa um monólogo sobre uma mulher chamada Angela, que conta histórias para crianças na praça da Vila onde mora.

— Nunca vi alguém demorar tanto para comer um caldo de feijão — comento, assim que ela termina. — Pelo menos eu sei que nada nunca esfria quando está perto de você.

Isso parece uma cantada assim que sai da minha cabeça.

— Exceto você.

— O quê?

— Você não notou mesmo, né?

— Não notei o quê?

Ela pega a tigela da minha mão, coloca sobre a dela e as põe em cima do banco de madeira.

— O frio é *você*, Estrela.

— Não entendi muito bem.

— Esse é o seu poder, entende? O seu e o da sua avó. Talvez seja o da sua mãe, não sei. Eu crio o fogo; você, o frio.

Olho para ela. Meu cenho está franzido. Estudo o rosto de Flor, tentando ver se ela está brincando comigo ou mentindo. Não parece estar, mas começo a rir mesmo assim.

— Ai, você não está falando sério!

— É lógico que eu tô.

— Minha família não tem poder nenhum, só o meu pai tinha…

— O último pedaço da estrela não está perdido, nem foi roubado. Ele está aqui, onde sempre esteve.

— No campo de girassóis… — completo. Olho para o nada e respiro fundo. Encho e esvazio o peito mais de uma vez. — Eu não entendo — confesso, depois de um tempo. — Não consigo compreender.

— Talvez seja porque o frio é o seu normal, como você me disse. Ele nunca foi estranho para você. Mas foi estranho pra mim. É bem nítido, inclusive, como as suas emoções afetam a temperatura.

— E como foi que você percebeu em cinco minutos algo que eu não notei durante a vida inteira?

— É que… eu meio que já sabia! Desconfiava, na verdade. — Ela se vira no banco, se sentando de frente para mim.

— Como assim? — Eu me viro também.

— É uma teoria antiga da minha avó. A única coisa que eu fiz foi prestar atenção em você.

— E sobre o pedaço da estrela?

— Bom, de acordo com a história, ele nunca saiu daqui. Sua família começou a dizer que havia sido roubada, mas acho que só vocês acreditam mesmo nisso.

Fico algum tempo em silêncio, processando tudo. Vou precisar de muito

mais que uma noite para acreditar e aceitar as coisas que Flor está me dizendo.

— Acho que amanhã eu vou conversar com minha avó sobre tudo isso — digo, apoiando as costas na parede.

— Meninas, vamos lá ver a quadrilha? — minha mãe chama, apontando da porta da sala.

— Já vamos, dona Elis. — Flor apoia as mãos nos joelhos, depois se levanta devagar. — Vem, Estrela! — Estende a mão direita na minha direção. Não sei se quero ir. Tem tanta coisa na minha cabeça agora. — Vem! — insiste, agarrando minhas mãos e me levantando com um puxão. Meu corpo esbarra no dela. Olho para o lado, para conferir se minha mãe já foi. Enquanto ainda estou pensando se vou roubar um beijo, Flor se antecipa.

Ela desce as mãos pelos meus braços até chegar à minha cintura. Fecho os olhos e sinto o calor que vem dela abraçar meu corpo. Levo minhas mãos até a parte de trás do pescoço de Flor, tenho medo de que ela se afaste. Mas ela não se afasta, pelo contrário, se aproxima mais e encosta os lábios nos meus.

É rápido. Nem dá para entender direito o que estou sentindo. Quando abro os olhos, Flor está me encarando.

— Só para confirmar, antes de qualquer outra coisa, você gosta de meninas, né?

Meu rosto esquenta.

— Você pergunta *depois* de me beijar? — Minha mão desce devagar pelo braço dela até darmos as mãos.

— Foi só um selinho.

— Gosto… *também* — respondo a pergunta, me afastando ainda mais de Flor. Observo com cuidado sua expressão para ver se encontro algum vestígio de estranhamento por eu ter dito que não gosto *apenas* de meninas,

mas ela parece não se importar. Abro um sorriso. — Vamos perder a quadrilha se ficarmos aqui. — Eu a puxo pela mão. Acho que estou começando a me acostumar com o calor dela.

Vamos de mãos dadas para o terreiro e continuamos de mãos dadas quando os casais vestidos com roupas coloridas dançam em sintonia. Depois da dança, nos sentamos em um banco. As mãos ainda unidas. Fico à vontade para me deitar no ombro dela, está mais quente aqui do que perto da fogueira.

— Acho que tenho que ir lá, as chamas estão diminuindo.

Resmungo, mas me afasto. Fico a observando enquanto ela caminha.

Eu me lembro da primeira vez que minha avó me disse para não me apaixonar por uma flor. Eu estava no campo de girassóis depois de brigar feio com meu pai. Tinha ficado lá por horas, deitada, como sempre fazia. Ela veio, se sentou do meu lado, disse que todos estavam preocupados e me chamou para casa. Eu disse que não iria, que gostava de ficar entre as flores. Então ela aconselhou:

Não se apaixone por uma flor…

Esse foi o primeiro conselho amoroso que minha avó me deu. Eu nem sabia direito o que significava “me apaixonar”, mas fui marcada por um alerta que me perseguiu até agora. Sempre pensei que ela estava sendo literal. Mas aqui e agora, olhando através da fogueira de chamas roxas, sei que não. Aqui e agora, vendo Flor com sua pele negra e seus olhos castanhos, com essa risada alta e esses gestos expressivos, entendo que minha avó não falava de um girassol qualquer do campo ali de baixo.

A pergunta que me atormenta é: como ela poderia saber?

Como minha avó sabia que Flor me faria sentir todas essas coisas que estou sentindo?

Será que ela prevê o futuro?

Ela se aproxima de Flor, as duas conversam e sorriem. Pela distância,

não consigo escutar o que estão falando, mas não preciso ouvir para saber. Minha avó está perguntando sobre Lírio.

Quando Flor volta a se sentar do meu lado, penso em perguntar. Mas não faço isso. Eu me deito de novo em seu ombro e ficamos assim, conversando — ela monologando —, enquanto observamos os convidados da festa indo embora pouco a pouco. Quando a fogueira está quase apagada e ninguém mais está sendo aquecido por ela, eu me afasto um pouco no banco e pergunto:

— Quer conhecer o campo de girassóis? É bonito. Mais ainda quando o sol nasce.

— Tá bom! — Ela se levanta em um pulo. — Vamos logo, porque eu preciso ir embora.

Sei que não é uma despedida eterna, mas imaginar Flor indo embora me deixa triste.

— A gente vai voltar a se ver, né?

— Lógico!

— Você vai ficar pelo menos para o café, né?

— Lógico!

Eu me levanto, seguro a mão dela e, com a outra, ela acende uma chama roxa. Descemos até os girassóis.

O dia começa a clarear antes mesmo de chegarmos até o campo. O céu acinzentado se encontra com um mar de flores amarelas, e de caules e folhas verdes. Flor conversa, e eu sorrio, durante todo o caminho. Será que um dia serei capaz de parar de rir quando estou perto dela? Espero que não.

— Não está tão frio aqui. — Essa é a primeira coisa que diz assim que pisa entre os girassóis. Eu não noto a diferença de temperatura.

— Você esperava que estivesse mais frio?

— Acho que sim. — Ela passa a mão entre as pétalas de um girassol. — É muito bonito aqui.

— É meu lugar preferido no mundo. Não que eu conheça muitos lugares aqui em Alveiros…

— Está convidada a conhecer Castilhos. Sua avó está planejando ir.

— Talvez eu vá… Se tiver um bom motivo pra isso!

— Ah… e já não tem? — Flor se vira para mim.

— Tenho nada, só um beijinho!

— Tá bom, deixa eu resolver isso.

O sol aponta tímido por detrás do morro. Devagar, eu me aproximo de Flor. Ela envolve as mãos sobre minha cintura, me abraçando, me trazendo para perto. Levo minhas mãos geladas ao rosto dela, que sorri com o choque de temperatura. E a beijo com urgência, porque nosso tempo é curto.

Se ela tiver razão e eu for o frio, que ironia seria amar tanto assim o calor. Talvez nós duas nos complementemos. Ela, com suas poderosas chamas roxas, com esse sorriso enorme e essa tagarelice. E eu com minha calma, meu frio e meus girassóis.

Aqui, onde uma estrela caiu e girassóis nasceram, eu me lembro do conselho completo:

Não se apaixone por uma flor… a não ser que você queira se perder.

Leia os outros contos da série “**Clichês em rosa, roxo e azul**”

Mas… e se?

E se o cantor sertanejo Henrique voltasse para casa depois de uma temporada de shows e tivesse que aprender a lidar com o novo namorado de sua esposa?

E se esse novo namorado o fizesse se sentir mais em casa do que nunca?

Um corpo de verão

Tudo o que Vanessa queria era aproveitar o fim de semana para se reaproximar da (beijar a) amiga de infância e pegar uma corzinha à beira da piscina. Mas a insegurança de Bia mais afastou do que uniu as duas.

Um livro, uma piscina sem sol e uma música da Taylor Swift serão capazes de colocar os planos de Vanessa de volta nos eixos?

Espero que não perca

Em 1938, Mercedes encontrou Alzira e tentou não se perder dela. Mas, se hoje para duas mulheres ainda é difícil viver um grande amor, imagina em uma época onde os pais ainda definiam o destino de suas filhas?

Amor de janela

Camila está em casa. A faculdade está parada, as ruas desertas, as lojas fechadas. E, em casa, ela vai ter que aprender a conviver com a própria família e com Erick, seu vizinho de janela.

Outra dimensão para nós dois

Maycon é apaixonado pelo amigo com quem divide a república, mas Rafael só quer saber de baladas e relacionamentos sem compromisso. Tudo muda quando os dois se isolam durante a quarentena em uma casa antiga, cortada por uma fenda que os leva a outras dimensões.

Azeitonas

Cecília está passando a quarentena com o avô, e faz compras para ele e para os vizinhos. Até que, um dia, ela troca as sacolas do avô com as da pessoa que mora no 13b, e acaba virando a garota de recados de dois idosos apaixonados.

As razões de Henrique

Em 2003, quando Henrique foi morar no interior de Minas Gerais, nunca pensou que se apaixonaria tanto... e por pessoas de gêneros diferentes.

Emma, Cobra e a criatura da parede

Emma está ouvindo uma voz vinda de dentro de sua parede. Cobra está ouvindo os pensamentos de Emma. Na tentativa de recuperar a amizade perdida entre os dois, eles vão se juntar para descobrir o que diabos está acontecendo com a parede da garota.

Acho que eu fiz uma música

Juan é apaixonado pelo cantor sertanejo João Vinícius desde a adolescência. E, agora, finalmente o rapaz tem a chance de conhecer seu ídolo. Mas, para isso, vai precisar da ajuda de uma garota…

Bregafunk do amor

Há uma coisa que une Ana Cecília, Felipe e Mirela: o amor pelos livros super gays de Mariano Madeira. Agora, os três vão se aventurar em uma estranha viagem para conhecer o ídolo.

Um Papai Noel de outro planeta

Um evento não-natural causou a destruição do planeta de Noa, espalhando pedaços por toda a galáxia. Alguns deles caíram no Brasil, especificamente no interior de Minas Gerais, causando fendas no espaço-tempo.

E agora cabe a Noa consertar o problema!

Enquanto isso, na Terra, Gal está procurando por sua namorada que desapareceu do nada. E vai contar com a ajuda de um estranho Papai Noel

para descobrir onde a garota foi parar!

Sobre a autora

MARIA FREITAS é mineira do interior, bi e assexual. É autora de Cartas para Luísa, livro vencedor do Prêmio Mix Literário em 2020, Sempre estive aqui, As razões de Cris e da série de contos com protagonistas bissexuais, Clichês em rosa, roxo e azul, que, juntos, já foram baixados mais de 75 mil vezes na Amazon.

www.mariafreitas.com.br
Instagram: @mariafreitaslivros
Twitter: @themariafreitas

Faça parte do Clube da Maria, uma newsletter GRATUITA com histórias exclusivas, brindes, descontos, novidades e muito mais. Ah, e tem também a versão Premium: https://apoia.se/clubedamaria.

MARIA FREITAS © 2020

Esta é uma obra de ficção.
Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida sem a autorização prévia da autora.

Edição e revisão: Clara Alves
Ilustração de capa: TELES

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F862 Freitas, Maria
Estrela e a Flor / Maria Freitas
São João do Manteninha/MG, 2020.

1. Ficção Brasileira. 2. Literatura Brasileira. I. Título.

CDD: B869

Todos os direitos desta publicação reservados à
Maria Madalena de Freitas Souza
www.mariafreitas.com.br